

APRESENTAÇÃO

A historiografia linguística busca lidar com

questões da periodização, de contextualização e com temas relativos à prática linguística efetiva, com o intuito de identificar diferentes fases de desenvolvimento da língua ou de períodos mais longos (NASCIMENTO, 2005),

sendo um “estudo interdisciplinar do curso evolutivo do conhecimento linguístico; ela engloba a descrição e explicação em termos de fatores intradisciplinares e extradisciplinares” Pierre Swiggers (2012, p. 2). O próprio termo historiografia linguística apresenta a ideia de intercepção entre elementos históricos e linguísticos de forma harmônica.

O trabalho da História e do historiógrafo pode ser diferenciado pelo seguinte argumento:

enquanto a História estudava a narrativa dos acontecimentos históricos, a Historiografia começou a estudar e registrar esses acontecimentos para reconstruir o passado por meio da interpretação dos fatos à luz do espírito da época. (GODOY, 2009, p.79)

Assim consegue delimitar o campo de atuação de cada estudioso enredado em uma abordagem distinta, mantendo assim sua marca multidisciplinar.

A historiografia linguística cresceu bastante nos últimos 25 anos, sobretudo na Europa e na América, a partir da publicação de periódicos de qualidade, do aumento de profissionais e pelos grupos dedicados ao seu estudo (SWIGGERS, 2012, p. 1). Ela apresenta e explana como se gerou e se estendeu o saber através do tempo em um certo contexto, a partir da “dimensão interna” e da “dimensão externa”, em outras palavras, o aspecto cognitivo e o social e individual.

Assim, seu principal objetivo é estudar de forma organizada a língua em momentos anteriores, focando na escrita, onde a estrutura gramatical é preservada.

Nos anos 1980 surgiram diversas discussões sobre os princípios e metodologias para sistematizar as pesquisas na área. Segundo Ernst Frideryk Konrad Koerner (1996):

Há vários problemas metodológicos e epistemológicos que enfrenta o historiógrafo da linguística. Estes incluem questões de periodização, contextualização e, geralmente, procedimentos de pesquisa [...]. (KOERNER, 1996, p. 58)

Ernst Frideryk Konrad Koerner (1996) cria três princípios para o trabalho que vão legitimá-lo: contextualização, imanência e adequação.

O autor apresenta a contextualização da seguinte forma: “O primeiro princípio [...] diz respeito ao estabelecimento do ‘clima de opinião’ geral do período em que as teorias se desenvolveram” (1996, p. 60). É por meio disso que o historiador pode ir ao passado e entender o presente, situar a história do documento e estabelecer o clima de opinião daquela época escolhida. “Observando-se

as correntes intelectuais do período e a situação socioeconômica, política e cultural [...]” (BASTOS & PALMA, 2004, p. 17). Tal princípio leva em conta aspectos sociais, geográficos, políticos, econômicos e outros que influenciam o sistema linguístico da época. Afinal, “as ideias linguísticas nunca se desenvolveram independentemente de outras correntes intelectuais do período”. (KOERNER, 1996, p. 60)

A Imanência descreve as dimensões internas da língua, investigando a língua em documentos históricos. Avalia-se o quadro linguístico da época, examinando a terminologia assumida, para assim entender a língua e a sua estrutura interna. “Consiste no esforço de estabelecer um entendimento completo, tanto histórico quanto crítico [...]”. (KOERNER, 1996, p. 60)

A Adequação segue a perspectiva interna da língua, de forma complementar, aproximando-se ou distanciando-se de um olhar temporal e cultural do recorte histórico. (KOERNER, 1996, p. 60) O princípio da adequação busca unificar os dois primeiros princípios, numa experiência de cotejar os momentos históricos que comprovam a evolução/mudança de uma determinada língua. (MATOS & GOMES, 2013)

Esses princípios visam organizar e fidelizar o estudo por meio dos documentos, tornando tal estudo mais amplo e mais vigoroso, mantendo o objeto de discussão: a língua.

Esse livro tem o objetivo de estudar alguns textos literários produzidos pelo famoso gramático Ismael de Lima Coutinho em sua juventude a partir do ponto de vista da historiografia linguística confrontando as gramáticas de Eduardo Carlos Pereira (séculos

XIX-XX) e Evanildo Bechara (séculos XX-XXI), seguindo os princípios metodológicos propostos por Ernst Frideryk Konrad Koerner (1996).

Uma das gramáticas que circulava durante o período que Ismael de Lima Coutinho produziu seus textos era de Eduardo Carlos Pereira, um dos estudiosos que mais se destacou no século XIX e início do século XX.

Nasceu em 8 de novembro de 1855, em Caldas, Minas Gerais. Atuou no período da República Velha, quando se dedicou ao trabalho de gramático e filólogo.

Eduardo Carlos Pereira, pela sua produção acadêmica e atuação no magistério público estadual de São Paulo (capital), apresentou-se como filólogo, publicando a *Gramática Histórica* e *Questões de Filologia* como gramático, publicou a *Gramática Expositiva*. Em Eduardo Carlos Pereira, vemos a sua formação rica de gramático e estudioso da Língua Portuguesa guiada pela prática docente concursando no então Ginásio do Estado de São Paulo. (ALMEIDA, 2007, p. 84)

Eduardo Carlos Pereira contribuiu tanto na parte teórica quanto na prática do magistério, fator que lhe trouxe experiência, contribuindo, assim, para sua formação ampla em questões educacionais. (MATA & GOMES, 2013)

Em suas produções bibliográficas, verifica-se que, além da elaboração de gramáticas e artigos, labutou em obras de cunho religioso, tais como a tradução da Bíblia Sagrada presbiteriana (1917).

[...] Eduardo Carlos Pereira foi influenciado pela visão protestante, convertendo-se ao protestantismo presbiteriano, e abraçando a sua maneira de vida, tanto no aspecto religioso como no aspecto educacional.

Em face do projeto educacional trazido ao Brasil pelos missionários da Igreja Presbiteriana dos Estados Unidos, em meados do século XIX e início do século XX.

Eduardo Carlos Pereira (1855-1923), um dos líderes da primeira geração de pastores presbiterianos brasileiros, distinguiu-se como professor e gramático, sendo professor por muitos anos na escola pública e autor de importantes obras sobre gramática. Ele contribuiu, também, de forma relevante, para a língua portuguesa em nosso país. Pereira usou um órgão da imprensa presbiteriana, “O Estandarte”, jornal que ele mesmo fundou em 1893 e no qual atuou como redator responsável. Escreveu artigos com vista a educar a sua denominação eclesiástica e a sociedade (GUTIERRES & ARNAUT DE TOLEDO, 2010, p. 1-2)

Eduardo Carlos Pereira participou do debate sobre as questões educacionais no Brasil. Deixou um legado teológico e secular, uma vez que sua atuação vai da Igreja Presbiteriana até a elaboração de gramáticas em nosso país.

As gramáticas de Eduardo foram produzidas quando o país passava por mudanças na organização do ensino da língua. A fim de adequar os padrões de ensino do Colégio Pedro II a novos moldes, o diretor do colégio propõe a vários professores uma reestruturação do ensino secundário, o que ensejou uma efervescência no campo das produções de materiais didáticos. (MATOS & GOMES, 2013)

Eduardo Carlos Pereira produz as gramáticas *Expositiva – Curso Superior* e *Expositiva – Curso Elementar* em 1907 e, no ano de 1915 termina a *Gramática Histórica*, publicando-a em 1916. Sua obra foi marcada por um misto moderno-tradicional em sua obra. Por um lado, defendia a necessidade de um cuidado maior quanto à questão histórica da língua, por outro lado, o mais tradicional, pulsava ao elemento lógico na expressão do pensamento.

Uma obra importante na carreira de Eduardo Carlos Pereira foi *Gramática Expositiva – Curso Elementar*, composta de duas partes, uma que trata do léxico e outra que aborda a sintaxe. Dentro de cada uma dessas partes existem subdivisões, onde são tratados, por exemplo, a fonética, ortografia etc.

Para mostrar as mudanças ocorridas na gramática do período em que Ismael de Lima Coutinho escreveu, claramente influenciado por Eduardo Carlos Pereira, optamos pela obra de Evanildo Bechara.

Evanildo Cavalcante Bechara nasceu em Recife, em 26 de fevereiro de 1928. Ele é professor, gramático e filólogo brasileiro de grande destaque, inclusive, sendo membro correspondente da Academia das Ciências de Lisboa e doutor *honoris causa* pela Universidade de Coimbra. Além disso é Professor Titular e Emérito da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) e da Universidade Federal Fluminense (UFF), além de titular da cadeira nº 16 da Academia Brasileira de Filologia e da cadeira 33 da Academia Brasileira de Letras, eleito em 11 de dezembro de 2000.

Aos onze para doze anos mudou para o Rio de Janeiro para completar sua educação na casa de um tio-avô. Onde mostrou sua vocação para licenciatura. Fato que fez com cursasse letras, modalidade neolatinas, na Faculdade do Instituto La-Fayette, hoje UERJ, bacharel em 1948 e licenciado em 1949.

Aos quinze anos conheceu o Prof. Manuel Said Ali o que possibilitou seu percurso pelos caminhos linguísticos. Aos dezessete, escreve seu primeiro ensaio, intitulado *Fenômenos de Intonação*, publicado em 1948. Em 1954, começa a dar aulas de Lín-

gua Portuguesa no Colégio Pedro II e publica livro *Primeiros Ensaios de Língua Portuguesa*, artigos escritos entre os dezoito e vinte e cinco anos, saídos em jornais e revistas especializadas.

Evanildo Bechara se especializou em Filologia Românica em Madri, com Dámaso Alonso, entre 1961 e 1962, com bolsa oferecida pelo Governo espanhol. Doutor em Letras pela UEG (atual UERJ), em 1964.

Nesse mesmo ano, foi convidado por Antenor Nascentes para se tornar seu assistente, chega à cátedra de Filologia Românica da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da UEG (hoje, UERJ). Entre 1962 e 1992 foi professor de Filologia Românica do Instituto de Letras da UERJ. De 1976 a 1994 foi professor de Língua Portuguesa do Instituto de Letras da UFF (Universidade Federal Fluminense). Além disso, foi professor titular de língua portuguesa, linguística e filologia românica da Fundação Técnico-Educacional Souza Marques, de 1968 a 1988, professor de Língua Portuguesa e Filologia Românica em IES nacionais em diversas instituições brasileiras, entre elas: PUC-RJ, UFSE, UFPB, UFAL, UFRN e UFAC e estrangeiras na Alemanha, na Holanda e em Portugal. Em 1994, recebeu o título de Professor Emérito da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (1994) e em 1998, da Universidade Federal Fluminense. Em 2000, recebeu o título de Doutor *Honoris Causa* pela Universidade de Coimbra.

É autor das principais gramáticas da língua portuguesa atualmente em uso: *Moderna Gramática Portuguesa* (37.^a edição, Rio de Janeiro: Lucerna, 1999); *Gramática Escolar da Língua Portuguesa* (1.^a edição, Rio de Janeiro: Lucerna, 2001); *Lições de*

Português pela Análise Sintática (18.^a edição, Rio de Janeiro: Luccerna, 2004), entre outras. Além disso, é editor da revista *Confluência*, dedicada aos estudos linguísticos, editada pelo Liceu Literário Português.

Sobre a *Gramática Moderna Portuguesa*, Carmen Lúcia Hernandes Agustini (2001, p. 121) comenta

[...] o modo como a linguística aparece na gramática é efeito desta conjunção de contraditórios, restringindo-se à introdução e às notas, seja de texto, seja de rodapé, figurando sob o modo de citações diretas ou indiretas. A citação transfere a autoridade do lingüista para o dizer da gramática, instituindo a separação das disciplinas, lingüística e gramática; mas produzindo uma indistinção entre ciência e gramática.

A gramática parece produzir um material que fica entre a tradição e a inovação. Edileusa Gimenes Moralis (2008) lembra que

Ao tomarmos o prefácio da *Moderna Gramática Portuguesa*, de 1967, de Bechara entramos em contato com um sujeito/autor que enuncia, ao mesmo tempo, de dois lugares distintos.

De um lado, tem-se o discurso da modernidade e, de outro lado, o da tradição gramatical. O discurso da modernidade está presente na nomeação da própria gramática *Moderna Gramática Portuguesa* e, é reforçado pelo convite que faz o autor ao magistério brasileiro.

Não restam dúvidas quanto à relevância da gramática de Evanildo Bechara nem quanto à implementação dos avanços que ela conquistou, sem romper totalmente com a tradição.

Nos próximos capítulos, apresentaremos os princípios propostos por Ernst Frideryk Konrad Koerner (1996) para a historiografia linguística, a contextualização e diversos estudos a partir de Eduardo Carlos Pereira e Evanildo Bechara.

Esperamos que a leitura possa estimular o avanço dos estudos ligados à historiografia linguística no país.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS. *Evanildo Bechara*. Disponível em: <<http://www.academia.org.br/academicos/evanildo-bechara/bibliografia>>. Acesso em: 10/10/2016.

AGUSTINI, Carmen Lúcia Hernandes. Moderna gramática portuguesa. *Línguas e Instrumentos Linguísticos*, Campinas, n. 6, 2001.

ALTMAN, Cristina. Retrospectivas e perspectivas da historiografia da linguística no Brasil, *Revista Argentina de Historiografia Linguística*, vol. I, n. 2, 2009. Disponível em: <<http://www.rahl.com.ar/index.php/rahl/article/view/12>>.

BASTOS, Neusa Maria Oliveira Barbosa. *O fazer historiográfico em língua portuguesa*. PUC-SP/UPM, 2004. Disponível em: <http://www.pucsp.br/pos/lgport/downloads/publicacao_docentes/historiografico_neusa.pdf>. Acesso em: 10/10/2011.

_____; PALMA, Dieli Vesaro. *História entrelaçada 2: a construção de gramáticas e o ensino de língua portuguesa na primeira metade do século XX*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2006.

GUTIERRES, Edison Aparecido; ARNAUT DE TOLEDO, Cezar de Alencar. Vida e contribuição educacional de Eduardo Carlos Pereira. In: *Anais do Seminário de Pesquisa do PPE: 27 e 28 de abril de 2010*. Universidade Estadual de Maringá, Departamento de Fundamentos da Educação, Departamento de Teoria e Prática da Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação. Maringá: UEM/DFE/DTP/PPE, 2010.

KOERNER, Konrad. Questões que persistem em historiografia linguística. *Revista da ANPOLL*, n. 2, p. 45, 1996.

MATA, Priscila Figueiredo da; GOMES, Nataniel dos Santos. *Historiografia linguística na fase jesuítica e Segundo Reinado. Ave Palavra*, Alto Araguaia, UNEMAT, 2013. Disponível em:

<<http://www2.unemat.br/avepalavra/EDICOES/16/artigos/priscilanat.pdf>>.

MORALIS, Edileusa Gimenes. Evanildo Bechara: entre a tradição gramatical e a nova corrente moderna. *Ave Palavra*, n. 10, Alto Araguaia, UNEMAT, 2008.

NASCIMENTO, Jarbas Vargas. Fundamentos teórico-metodológicos da historiografia linguística. In: _____. *A historiografia linguística: rumos possíveis*. São Paulo: Pulsar/Terras do Sonhar, 2005.

_____. *A historiografia linguística: rumos possíveis*. Disponível em: <http://www.pucsp.br/pos/lgport/downloads/publicacao_docentes/historiografia_jarbas.pdf>. Acesso em: 30/12/2012.

SWIGGERS, Pierre. *História e historiografia da linguística: status, modelos e classificações*. Disponível em:

<https://lirias.kuleuven.be/bitstream/123456789/297572/1/PTEutomi_a.pdf>. Acesso em: 6-12-2012.

Os Organizadores